

GRUPO DE PESQUISA “PSICOLOGIA E SAÚDE COLETIVA”: A EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANA HELENA ARAÚJO BOMFIM QUEIROZ¹
 BRUNA ALBUQUERQUE VIEIRA LIMA²
 JOSÉ ALEXANDRE DE SOUZA XAVIER³
 MARIA FERNANDES FELISMINO⁴
 MARLLA RÚBYA FERREIRA PAIVA⁵

Resumo: Esse trabalho pretende refletir sobre o funcionamento do Grupo de Pesquisa Psicologia e Saúde Coletiva do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão, considerando as contribuições dessa atividade como estratégia de iniciação científica para os estudantes. Pretende-se desenvolver a pesquisa “Atuação dos psicólogos no Sistema Único de Saúde em Sobral-CE: Reflexões sobre a formação profissional”, aprovada para financiamento de acordo com o edital NPE -01/2012. Tem como eixos de discussão teórica o campo da Saúde Pública e da Psicologia Social da Saúde. Parte do reconhecimento das mudanças paradigmáticas do campo científico da saúde, que repercutem na busca por inovações nos modos de produzir saberes e práticas de cuidado. Visa o engajamento de discentes na prática da pesquisa, buscando compreender e atuar sobre o processo saúde-doença-cuidado, constituindo um processo formativo preparatório para vida acadêmica e profissional. Operacionaliza-se a partir de encontros presenciais semanais, atividades de pesquisa documental e de campo, realização de seminários internos, produção de trabalhos para encontros científicos e artigos para revistas. A atividade de iniciação científica possibilita a aproximação entre ensino e pesquisa, desmitificando o fazer ciência. Favorece o desenvolvimento de novas estratégias de aprendizado, o aperfeiçoamento da expressão oral e escrita acadêmicas e o despertar de habilidades como pensamento crítico, autonomia, criatividade, maturidade e responsabilidade. Configura-se como importante estratégia de maior engajamento do estudante no curso.

Palavras-chave: *Psicologia. Iniciação científica. Saúde coletiva.*

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre o funcionamento do Grupo de Pesquisa “Psicologia e Saúde Coletiva” do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão, considerando as contribuições dessa atividade como estratégia de iniciação científica.

Esse grupo de pesquisa foi formado a partir da aprovação (Edital NPE-01/2012) para financiamento de bolsas de professor orientador e bolsistas. Propõe-se

¹ Psicóloga, Mestre em Saúde Pública, docente do curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

² Estudante do 4º semestre do curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

³ Estudante do 4º semestre do curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

⁴ Estudante do 4º semestre do curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

⁵ Estudante do 4º semestre do curso de Psicologia da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

a estudar a articulação entre saberes e práticas da Psicologia e da Saúde, com ênfase na inserção profissional nas políticas públicas de saúde.

O papel das instituições de ensino é formar “[...] sujeitos capazes, críticos e criativos, democraticamente organizados, aptos a superarem a condição de massa de manobra ou de objetos” (DEMO, 2011, p.73). Entretanto, a educação universitária encontra-se voltada para aulas “reprodutivas” e provas. Assim, resulta em uma profissionalização deficiente, aceitando a ideia de que ao se formar precisa-se aprender tudo novamente; e uma alienação da prática, reforçando a expectativa que o ensino superior é transmissão de conhecimentos.

Demo (2011) alerta que atualmente a competência profissional está voltada para o saber pensar e refazer sua profissão. O diploma não significa mais o ponto final, mas uma etapa. Há que se renovar permanentemente para permanecer no mercado. A habilidade de “aprender a aprender” é fundamental no contexto de constantes desafios. Espera-se que o profissional tenha uma postura de pesquisador, no sentido de se interessar constantemente pelo conhecimento relativo à profissão; atualize-se por meio de participação em espaços de socialização do conhecimento, como encontros científicos e cursos; capacidade de se questionar honestamente sobre seu desempenho e adotar estratégias para melhorar; visão geral de mundo, observando a realidade de forma crítica e trabalhar em equipe. Para Demo (2011), esse profissional não pode ser gestado somente em sala de aula, tornando-se fundamental refletir sobre os espaços formativos como a iniciação científica, por exemplo.

Nesses 50 anos de regulamentação da profissão, a formação em psicologia vem sendo criticada por suas carências decorrentes do modelo clínico hegemônico, pelo distanciamento da realidade social do país e pela junção de referenciais teóricos e metodológicos de forma acrítica. Ou seja, forma-se profissionais pouco comprometidos com as transformações sociais, principalmente, no campo da saúde. Nesse contexto, as universidades correm o risco de se tornarem apenas transmissoras de conhecimento (BERNARDES, 2010).

Considerando as transformações no setor saúde no Brasil como a garantia da saúde como direito e dever do Estado previsto na Constituição de 1988; a capilarização das ações de saúde através da atenção primária; a transição demográfica e epidemiológica, com o crescente número de idosos e aumento da prevalência de doenças crônicas, os fatores psicológicos passam a ser cada vez mais considerados na

produção de saberes e práticas. A subjetividade é colocada como um categoria analítica central para compreender o processo saúde-doença, o elemento relacional evidencia-se e o papel ativo dos sujeitos individuais e coletivos passa a ser buscado na produção do cuidado em saúde. A Psicologia passa a ser convocada a produzir e atuar de maneira inovadora, gerando a necessidade de aprimoramento dos processos formativos para o campo da saúde. Torna-se, portanto, uma questão fundamental nos projetos político-pedagógicos de graduação em Psicologia.

Produzir conhecimentos na área da saúde é extremamente necessário para a atuação do psicólogo hoje no Brasil. Desse modo, espera-se que o grupo de pesquisa contribua com consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) por meio dos saberes e práticas da psicologia, promova espaço de crescimento acadêmico e pessoal para os estudantes que dele participam e contribua com o interesse dos demais estudantes em participar de atividades formativas que transcendam a sala de aula.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DISCENTE

Massi e Queiroz (2010) definem iniciação científica como “[...] conjunto de conhecimentos indispensáveis para iniciar o jovem nos ritos, técnicas e tradições da ciência”(p. 174). Afirma que não há muitos estudos sobre esse tema, apesar da disseminação dessa atividade no Brasil.

De acordo com Bariani (1998), os programas de iniciação científica no Brasil tiveram início, formalmente, na década de 1950 com a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Inspirado no modelo norte-americano e francês de incentivo a pesquisa, apresentava características elitista e limitada, favorecendo as instituições que já desenvolviam pesquisas. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) proporcionou grande impulso na forma que a atividade científica é vista no ensino superior. O objetivo principal de um programa de iniciação científica é aproximar o ensino e a pesquisa, desmitificando o fazer ciência.

A expansão de programas de iniciação científica foi impulsionada pela Lei da Reforma Universitária de 1968 (Art. 2o, da Lei n. 5.540, de 28/11/1968), que determinou a indissociabilidade “pesquisa, ensino e extensão”; e reafirmado na Constituição de 1988, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(Lei n. 9.394, de 20/12/1996).

A grande crítica a formação é que a graduação continua sendo um espaço de reprodução e não de produção de saberes (MASSI, QUEIROZ, 2010; DEMO, 2011). Demo (2011) denuncia que “[...] na sala de aulas, reduz-se a educação ao ensino; na pesquisa, não se inclui a face educativa”(p.71). Na sala de aula, prevalece a aula reproduzida, a provada “colada”, a avaliação voltada para a cópia. E na pesquisa, falta experiência e condições estruturais aos professores. Prevalece, também, o discurso que “pesquisa não é para todos”, porque há uma má preparação na educação básica, desinteresse, necessidade de trabalhar durante o dia e a distinção entre carreira acadêmica e exercício profissional. O pesquisador também esquece seu compromisso educativo, voltando-se apenas para os compromissos que lhe dão prestígio.

O primeiro ganho do estudante de iniciação científica é sair da rotina da grade curricular, agregando-se a professores e disciplinas que tem mais afinidade, o que contribui para sua motivação em estudar (FAVA-DE- MORAES, FAVA, 2000). Pode melhorar o seu desempenho em sala de aula, uma vez que a vivência de pesquisa possibilita o “aprender a aprender”, estimulado a partir das leituras para revisão e análise das pesquisas (BARINI, 2010). Favorece também o aperfeiçoamento da expressão oral e escrita acadêmicas, por meio do exercício de elaboração e apresentação de trabalhos científicos.

Outro aspecto importante é a socialização profissional, que é a convivência com professores, estudantes de pós-graduação e graduação, permitindo a troca de informações e experiências pessoais (BARINI, 210). Estar inserido nesse meio contribui para escolhas na carreira profissional e amplia a rede de contatos.

Em relação ao desenvolvimento pessoal, a experiência de iniciação científica pode aprimorar habilidades como pensamento crítico, autonomia, criatividade e responsabilidade; além da capacidade de se relacionar em grupo. Como, em geral, há bolsas para os estudantes de iniciação científica, estes exercitam também a responsabilidade em administrar seus recursos diante de necessidades acadêmicas e domésticas.

É um equívoco pensar que a experiência de iniciação científica está voltada exclusivamente para formar cientistas. Caso não opte pela carreira acadêmica, no exercício profissional se destacará pela capacidade de análise crítica e de maturidade intelectual (FAVA-DE- MORAES, FAVA, 2000).

No campo científico, há questões éticas importantes que precisam ser compartilhadas com os estudantes como mais um elemento do aprendizado, tais como: inventar, falsificar ou plagiar resultados são considerados crimes; não se deve colocar no trabalho o nome de alguém que não teve participação e nem publicar as mesmas pesquisas em diversos espaços mudando apenas os títulos.

Fava-de-Moraes e Fava (2000) apontam algumas imprecisões nos programas de iniciação científica como a decepção do estudante com a ciência quando se agrega a uma equipe com deficiências na organização e orientação e o fato de ser convertido em “mão-de-obra barata”, sendo subutilizado somente em atividades burocráticas.

Os estudantes de iniciação científica são termômetros da qualidade curso, evidenciando o desempenho dos professores e conteúdo, cooperando com o aperfeiçoamento do modelo pedagógico (FAVA-DE-MORAES, FAVA, 2000). Na cultura universitária, a experiências de iniciação científica são valorizadas pelos pares e professores, tornando símbolo de *status* e contribuindo para o aumento do interesse dos demais estudantes.

A grande crítica aos programas de iniciação científica é que há poucas vagas em relação a quantidade de estudantes interessados. Assim, como proporcionar uma relação de aproximação com a pesquisa, mesmo fora dos grupos de pesquisa? Demo (2011) propõe uma educação pela pesquisa, cujo objetivo é a formação da competência humana. Nesse contexto, a pesquisa tem o papel de favorecer o desenvolvimento do questionamento reconstrutivo, não a simples reprodução de saberes e fazeres, característica fundamental para o cidadão e o futuro profissional. Educar pela pesquisa pressupõe que o profissional da educação seja um pesquisador no cotidiano, deslocando o seu papel de “perito em aula”. Além disso, a relação professor estudante precisa ser de sujeitos participativos, sendo o questionamento reconstrutivo o desafio comum (DEMO, 2011).

GRUPO DE PESQUISA “PSICOLOGIA E SAÚDE COLETIVA”

O grupo de pesquisa “Psicologia e Saúde Coletiva” tem o objetivo de discutir a articulação dos conhecimentos e práticas da psicologia com o campo temático da saúde coletiva, no contexto inserção desse profissional nas políticas públicas de saúde.

É composto pela professora orientadora e quatro estudantes, sendo estes dois bolsistas e dois voluntários. Para seleção, foram convidados os estudantes de psicologia que participaram do Grupo de Estudos em Psicologia, Epistemologia e Práticas de Saúde (GEPEPS), já financiado pela Faculdade Luciano Feijão, no período de junho a dezembro de 2011, orientado pelo professor Léo Nepomuceno. Esse critério levou em consideração a aproximação anterior dos estudantes com a temática a ser estudada no grupo de pesquisa, uma vez que as disciplinas referentes a atuação na saúde ainda não foram ofertadas no curso.

Conforme aprovado no projeto submetido ao edital NPE-01/2012, pretende-se desenvolver a pesquisa “Atuação dos psicólogos no Sistema Único de Saúde em Sobral-CE: Reflexões sobre a formação profissional”, cujo eixo de discussão teórica é o campo da Saúde Pública e da Psicologia Social da Saúde, abordando as ações desenvolvidas pelo psicólogo nos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), Centro de Orientação e Apoio Sorológico / Centro de Infectologia (COAS) e Atenção Primária (APS) do município de Sobral/CE.

Os encontros acontecem semanalmente, desde o mês de agosto de 2012 e estão planejados até janeiro de 2013. Desenvolvem-se atividades de estudo coletivo com textos direcionados pela professora orientadora e sugerido pelos alunos, além da orientação de estudos individuais que ocorrem ao longo da semana. A cada encontro, um estudante prepara a discussão e o fichamento do texto a ser abordado, não havendo diferenciação de responsabilidades entre bolsistas e voluntários. Todas as atividades são registradas em ata e o material elaborado para cada encontro permanece disponibilizado em um serviço livre de armazenamento de arquivos (dropbox).

As atividades ocorrem de maneira participativa, baseada no diálogo entre educando-educando e educador-educando, tendo como referencial pedagógico a aprendizagem significativa e a educação libertadora.

Considera-se que o grupo de pesquisa favorece a postura de “aprender a aprender” a partir das atividades de leitura e análise crítica de textos científicos; contribui para a inserção no campo científico ao abordar as questões técnicas e éticas da pesquisa; e estimula a participação em encontros científicos, o que proporciona o

exercício da escrita acadêmica e a habilidade de apresentação de comunicações científicas.

Até o momento, ocorreram 9 encontros presenciais, que abordaram as questões práticas da elaboração de projetos de pesquisa, o processo saúde-doença sob o olhar da psicologia, as possibilidades de atuação do psicólogo no SUS e a elaboração de artigos científicos. As atividades de educação à distância tem uma função complementar frente aos encontros presenciais, direcionando os estudos e constituindo-se como espaço de compartilhamento de saberes e materiais.

Foram submetidos e aprovados no V Encontro de e Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão três resumos para apresentação oral dentro da linha de pesquisa do grupo, com a participação de outros professores do curso de psicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da necessidade de formar cidadãos e profissionais competentes, a instituições de ensino superior tem o compromisso de proporcionar ao estudante uma formação baseada na análise crítica da realidade, que o coloque no papel de produtor do saber. Para tal, torna-se primordial transformar o espaço de sala de aula em momento de “aprender a aprender”, o que exige do professor uma postura de pesquisador no sentido da construção do conhecimento.

Outros espaços formativos são importantes como os grupos de estudo, pesquisa e atividades complementares como encontros científicos e cursos. A experiência de iniciação científica pode ser bastante enriquecedora para o estudante, por favorecer o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, autonomia, criatividade e responsabilidade; além da capacidade de se relacionar em grupo. Configura-se como importante estratégia de maior engajamento do estudante no curso. Pode ser relevante também para a instituição, por motivar outros estudantes a participar, divulgar a instituição nos eventos científicos e fornecer critérios de avaliação do currículo.

O grupo de pesquisa “Psicologia e Saúde Coletiva” busca o engajamento dos discentes do curso de psicologia na prática da pesquisa, no sentido de compreender e atuar sobre o processo saúde-doença-cuidado, constituindo um processo formativo preparatório para vida acadêmica e profissional. Refletir sobre a contribuição da

psicologia para as políticas públicas de saúde é seguir no sentido do compromisso com as transformações sociais.

Investigações que abordem os egressos de grupos de pesquisa é uma estratégia interessante para avaliar o impacto dessa experiência na vida acadêmica dos estudantes. O apoio a programas de iniciação científica é um importante passo para instituições que pretendem verdadeiramente articular ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

- BARIANI, I. C.D. *Estilos cognitivos de universitários e iniciação científica*. Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 1998
- BERNARDES, J.S. “A Psicologia no SUS 2006: alguns desafios na formação”. IN: SPINK, M.J. *A Psicologia em diálogos com o SUS: prática profissional e produção acadêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. 9ª ed. Revista- Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- FAVA-DE-MORAES, F. FAVA, M. “A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos”. São Paulo em Perspectiva, 14(1), 2000.
- MASSI, L; QUEIROZ, S.L. “Estudos sobre a iniciação científica no Brasil: uma revisão”. *Cadernos de Pesquisa*, v.40, n.139, jan./abr. 2010.